

TRAMAS E TERRITÓRIOS: TECENDO DIÁLOGOS ENTRE ENSINO FORMAL E NÃO FORMAL

*PLOTS AND TERRITORIES: WEAVING DIALOGUES BETWEEN FORMAL
AND NON - FORMAL EDUCATION*

Andrea Lalli (JA.CA – Centro de Arte e Tecnologia)

Elaine da Silva Santana (EMEI Prof. Alceu Maynard de Araújo)

Carolina Suarez Copa Velasquez Y Castro (KA – Gestão em Arte e Educação)

RESUMO

Esse artigo tem o propósito de relatar e refletir temas como hibridismo cultural, identidades latino-americanas e ressignificação de materiais têxteis como linguagens de expressão na educação infantil e na mediação cultural pelos seguintes referenciais teóricos BURKE, FERNANDES, MARTINS, QUIJANO. A partir de uma aproximação realizada em 2019 pelo Programa CCBB Educativo - Arte & Educação do CCBB São Paulo em parceria com docentes da EMEI Prof. Alceu Maynard de Araújo, localizada no Bom Retiro, buscou-se pensar as migrações por meio de relatos e partilhas das atividades prático-reflexivas propostas, dialogadas entre o ensino formal e o ensino não formal. A fim de valorizar e articular maneiras de ativar os territórios antecessores das crianças e, concomitantemente, o pertencimento e apropriação do território em que se ocupa.

PALAVRAS-CHAVE

mediação cultural; hibridismo cultural; colonialismo; mediação; pedagogia.

ABSTRACT

This article aims to report and reflect on themes such as cultural hybridism, Latin American identities, and resignification of textile materials as languages of expression in children's education and cultural mediation by the following theoretical references BURKE, FERNANDES, MARTINS, QUIJANO. Based on an approach carried out in 2019 by the CCBB Educational Program - Art & Education of CCBB São Paulo in partnership with the teaching staff of EMEI Prof. Alceu Maynard de Araújo, located in Bom Retiro, we sought to think migrations through reports and sharing of practical-reflective activities, dialogued between formal and non-formal education. In order to value and articulate ways of activating

children's predecessor territories and, simultaneously, the belonging and appropriation of the territories they currently occupy.

KEYWORDS

culturalmediation; culturalhibridism; colonialism; mediation; education

Contextualização da EMEI Prof. Alceu Maynard de Araújo

A obra de arte já não pode mais ser lida dentro de movimentos estilísticos, nem procura mais descobrir o mundo, pois é o prolongamento do próprio artista, com sua subjetividade mergulhada nas ambiguidades e diversidades culturais do mundo contemporâneo. (...) Por que separar os objetivos estéticos de outros ligados à formação? Estaria a estética desligada de preocupações mais amplas? (...) (CELESTE, Martins, 2011, p.1)

“Tramas e Territórios” é o título dado à aproximação desenvolvida entre a Escola Municipal de Educação Infantil Professor Alceu Maynard de Araújo e o Programa CCBB Educativo - Arte & Educação de São Paulo de setembro a novembro de 2019¹.

A fim de fundamentar as visitas, foram escolhidos dois artistas latino americanos como disparadores para as atividades desenvolvidas em sala de aula pelo Programa Educativo: Feliciano Centurión e Sônia Gomes. A aproximação se deu em quatro encontros, dos quais os dois primeiros foram a introdução do bordado e os materiais têxteis como possibilidades de expressão artística. Já o terceiro encontro, foi uma visita das crianças na exposição *Linhas da Vida*, da artista japonesa Chiharu Shiota (em cartaz de novembro de 2019 a janeiro de 2020 no CCBB SP) e, por último, uma ocupação da praça em frente à escola como fechamento das proposições do ano letivo de 2019.

A Escola Municipal de Educação Infantil Professor Alceu Maynard de Araújo está localizada no bairro Bom Retiro na cidade de São Paulo, um distrito essencialmente comercial que tem sua história marcada pela presença significativa de confecções de produção têxtil. Segundo Toji (2008) essas confecções surgem por volta de 1920 com a presença de comunidades judaicas. Esse tipo de produção atraiu a presença de imigrantes latino americanos para o local a partir dos anos 90, principalmente bolivianos e peruanos, e mantém-se até hoje.

Infelizmente, devido a situação precária que se encontram esses imigrantes, grande parte deles ingressam no sistema nos espaços mais precários e informais (...) Normalmente, esses estrangeiros trabalham na

etapa de costura, quase como terceirizados, ganhando por produção. (TOJI, 2008, p.5)

A comunidade atendida pela EMEI Professor Alceu Maynard de Araújo é composta em sua maioria por famílias oriundas desses deslocamentos, entre outros mais recentes, advindos do Paraguai e Argentina. Segundo o levantamento feito para o Projeto Político Pedagógico (PPP)ⁱⁱ, no tópico caracterização da comunidade, os dados recolhidos demonstram que grande parte dessas famílias trabalham nas confecções do entorno. Nesse contexto, o PPP da escola, no que diz respeito a Proposta Pedagógica, é constituído por proposições que levam em conta a pluralidade étnica e cultural da comunidade que atende, tendo como objetivo o pertencimento pleno por parte das crianças e famílias ao território que ocupam para que possam crescer e construir sua identidade de forma segura:

Não devemos nos esquecer dos indivíduos híbridos. quer os que já nasceram nesta situação por suas mães e pais serem originários de culturas diferentes, quer os que se viram nela mais tarde, de bom grado ou não, por terem sido, por exemplo. convertidos ou capturados". (BURKE, 2003, p.36)

Nesse contexto, temos o termo "híbrido" sobre as pessoas que nascem entre duas ou mais culturas e vivem em países cuja cultura predominante é construída com valores do colonialismo, segundo (QUIJANO,2009, p.118) "estrutura de dominação/exploração onde o controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma população determinada domina outra de diferente identidade".

O ensino da arte e nesse caso, também a mediação do contexto cultural desta arte, torna-se decolonial quando tanto a mediação na instituição cultural quanto as aulas no ensino formal munem seus conteúdos e sua mediação com aspectos de uma cultura andina pré colonial. Como consequência teremos cidadãos, não somente os alunos, mas também as famílias destes alunos, conscientes do poder da escolha pelo conhecimento sobre sua ancestralidade sem ter esta dissolvida e apagada pela categoria pardo e ou mestiços em novas terras.

Surge como uma metáfora que me comunica um escultor aymara —Victor Zapana— falando de animais como a serpente ou o lagarto, que vem de baixo, mas também são de cima, são masculinos e também femininos. Quer dizer, tem uma dualidade implícita em sua constituição. E isso me parecia uma ótima metáfora para explicar um tipo de mestiçagem que reconhece a força de seu lado indígena e a potência para poder equilibrá-la com a força do europeu. Então se propõe ao ch'ixi como uma força

descolonizadora da mestiçagem. Longe da fusão ou da hibridez, se trata de conviver e habitar as contradições. Não negar uma parte nem a outra, nem buscar uma síntese, mas admitir a permanente luta em nossa subjetividade entre o índio e o europeu.(CUSICANQUI, 2018, p.5)

Nesse sentido, o programa de ensino adotado pela EMEI Alceu Maynard de Araújo no ano de 2019 decidiu trabalhar fortemente a questão da identidade da escola e com a ocupação do território do entorno e equipamentos públicos.

Numa perspectiva de diálogos e complementações de pesquisas, o Programa CCBB Educativo - Arte & Educação de São Paulo que, entre outras investigações, trabalhava, por conta das pesquisas das educadoras integrantes, questões temáticas como identidade, corpo e território -, iniciou uma aproximação extramuros com a escola em questão. A aproximação se deu também em função de uma necessidade do corpo educativo ter referências e repertórios de vivências com crianças pequenas em suas pluralidades de possibilidades de atividades prático-reflexivas.

A exposição *VAIVÉM*ⁱⁱⁱ, de curadoria de Raphael Fonseca, em cartaz de junho a agosto no Centro Cultural do Banco do Brasil São Paulo (CCBB SP) em 2019 trazia a rede de dormir como símbolo disparador para pensar representações diversas em relação às construções históricas e imaginárias do Brasil desde registros históricos de 1500. Em contraposição, a mostra buscou articular perspectivas de diversos artistas contemporâneos que revisitam e questionam as narrativas hegemônicas da colonização sobre esse território. É a partir de uma visita mediada na mostra que a aproximação *Tramas e Territórios* nasce.

Com a mediação da exposição *VAIVÉM*, o bordado foi então pensado pela Professora Elaine como dispositivo para a realização de um projeto que dá continuidade a essas atividades. “Bordando com o Fio da Memória”, título dado à proposta, com o intuito de trabalhar relações de memória das crianças utilizando o bordado em juta como o suporte da obra coletiva.

A fim de reverberar trabalhos artísticos de outros artistas latino americanos que partiam de materiais têxteis em suas poéticas, emergindo curiosidades, indagações, multiplicação de ações educativas, o interesse da aproximação do Programa CCBB Educativo com a EMEI, veio da necessidade do corpo educativo ter maior contato com o desenvolvimento de atividades prático-reflexivas voltadas ao público de quatro a cinco anos, como do projeto pedagógico da escola em aprofundar reflexões e atividades voltadas às pluralidades culturais presentes no corpo estudantil.^{iv}

Valores estruturais e caminhos trilhados

Numa visita mediada, Andrea Lalli, uma educadora integrante da equipe de mediadores da instituição CCBB, teve a oportunidade de conversar com a professora Elaine, público visitante, questões relacionadas ao bordado, a partir do trabalho de Arthur Bispo do Rosário, presente no eixo *Resistências e Permanências* da exposição citada.

No panorama de resistência da América andina e da diáspora africana, artistas de diversas origens brasileiras e ameríndias se colocam frente às contradições culturais, sociais e ou econômicas do Brasil nos dias de hoje. Assim, por meio de investigações acerca de narrativas plurais do Brasil contemporâneo, a história de Bispo do Rosário, trazida na visita mediada, foi disparadora para pensar outras ações em sala de aula. Elaine já vinha desenvolvendo experiências de valorização ^{vi}de saberes ancestrais^{vii} através de um projeto que resgata esses conhecimentos através da horta da escola, que foi batizada de Pachamama^{viii}. As crianças tiveram vivências de preparação de chás com as ervas do local. Além de degustar o chá preparado coletivamente, conheceram as propriedades curativas das bebidas. As famílias participaram desse processo enviando algumas receitas de chá que faziam em casa.

A fim de conhecer a origem das crianças que compunham a turma foi feito mapeamento em colaboração com as famílias através da certidão de nascimento. Essas certidões foram trabalhadas através do registro de dados em um mapa da América do Sul desenhado pela professora, que posteriormente teve cada país colorido com as crianças em diferentes cores para marcar os lugares de origem. Esse registro ficou fixado na sala e foi referência para o trabalho ao longo do ano nos projetos da turma e nos eventos da escola - no intuito de se fazer representar as manifestações dos diferentes países através da culinária, música, dança e símbolos - entre eles a Festa Multicultural, Festa da Primavera e Mostra Cultural. Foi um recurso importante na aproximação com o Programa CCBB Educativo - Arte & Educação.

As práticas realizadas levam em conta o Currículo da cidade, que baseia-se na legislação que aponta a relevância da educação para relações étnico-raciais, conforme as Leis Federais nº 10.639/03 e nº 11.645/08 e da Lei Municipal nº 16.478/16.^{ix} Entre as áreas referidas, ocupa-se da Educação para Imigrantes e Educação Escolar para Populações em Situação de Itinerância. Contudo, uma série de fatores faz com que ainda hajam dificuldades de referências de práticas que de fato permitam a reflexão sobre as diversidades e pluralidades de contextos das famílias das crianças:

Nas UEs, as desigualdades, as diferenças e as diversidades estão presentes, mas muitas vezes são invisibilizadas. Os modos como elas se manifestam são complexos, devido à especificidade dessa etapa educacional: a idade das crianças, os territórios onde as escolas estão inseridas, a pluralidade das famílias, a ausência de formação específica das(os) professoras(es) e demais profissionais nessas temáticas, as práticas educativas homogeneizadoras e os Projetos Políticos Pedagógicos que muitas vezes desconhecem a profunda relação entre as aprendizagens e as condições de vida concretas dos bebês e das crianças. (SÃO PAULO, 2019, p. 32)

Com a dificuldade de visibilizar as diversidades presentes numa instituição de ensino, como aponta o trecho acima, essa pesquisa busca articular diferentes esferas da educação formal e da educação não formal.

Ações realizadas

A primeira atividade aplicada pelo Programa CCBB Educativo – Arte & Educação teve em vista a introdução da linguagem do bordado às crianças. O conhecimento sobre o que era o “bordado” foi abordado nesse encontro, a princípio, pelo nome, nenhuma delas (das crianças) sabia; foi mostrado então alguns bordados produzidos por uma das educadoras em articulação às histórias contadas pela educadora Andrea Lalli e pelas educadoras Raquel Tanaka e Vivian Belloto. As crianças identificaram a figura nos bordados - duas flores - e entenderam que era um desenho que se fazia com a linha num tecido; o passo seguinte foi passar os bordados para que elas pudessem ver e tocar, sentir a textura, relevo, materialidade dessa linguagem.

Sob a criação deste contexto da técnica do bordado, foi apresentado o artista do dia: Feliciano Centurió^x. A escolha desse artista se deu pelo fato de ele ser um artista paraguaio na década de 1990 que trabalhava o bordado em objetos cotidianos - como fronhas, lençóis, tapetes, toalhas, etc:

Em um princípio as cobertas eram interferidas em seu tamanho original gerando obras de grande formato, as mesmas eram pintadas em vibrantes cores com estampas de natureza, plantas, flores, insetos, seres marinhos, animais de fazenda, a natureza ia invadindo o desenho de cada coberta. (GENES, 2016, p. 05)

Ao trazer elementos figurativos como animais e plantas, foi possível ativar a memória delas com esse país, visto que a professora Elaine havia recolhido as certidões de nascimento das crianças e mapeado, a partir de um desenho da América do Sul, os

lugares de origens das crianças (mesmo sendo a maioria delas de São Paulo). Com o mapa já em sala de aula, foi destacado o Paraguai, seu país de origem, pela cor amarela; enquanto o deslocamento pela Argentina, com a cor vermelha. Assim, as informações foram conectadas com outro processo que estava sendo desenvolvido em sala. Elaine ainda trouxe à tona os nomes das crianças que tiveram alguma relação com esses países, de maneira que algumas delas puderam se sentir próximas das histórias que foram contadas.

A apresentação de imagens de trabalhos de Feliciano, com figuras de animais, pode ser um disparador para a interação das crianças, que tentavam adivinhar que bicho que elas estavam vendo. Foi estabelecida uma aproximação com o que Feliciano fazia, a mostrar que ele bordava sobre objetos do dia a dia dele- almofadas, travesseiros, lençóis, etc. com isso, propusemos que eles pintassem com tinta acrílica um bichinho nos pedaços de “fronhas” de travesseiros de tamanho A6 que foram entregues a eles. Nessa brincadeira, foi possível experienciar a materialidade da pintura com o pincel sobre o algodão cru.



Figura 1. Educadoras Andrea Lalli, Raquel Tanaka e Vivian Belloto em conversas sobre o bordado e Feliciano Centurión pelo Programa CCBB Educativo - Arte & Educação na EMEI Prof. Alceu Maynard de Araújo. São Paulo, 2019. Foto: Programa CCBB Educativo - Arte & Educação

Os animais que cada criança pintou foram anotados, alinhando junto ao nome delas. As pinturas nas fronhas de tecido de algodão cru foram levadas ao corpo educativo do Programa CCBB Educativo - Arte & Educação, em que, com a colaboração da maior parte da equipe de educadores, foi buscado evidenciar os traços através do bordado - que criavam esses bichinhos pintados por elas. Com isso, os animais já estavam ali, e o que foi sobreposto foi um contorno com a linha do bordado.

Articulando linhas e manchas, foi possível trazer com respeito a intervenção na obra produzida em sala de aula.



Figura 2. *Tartaruga*, Tinta acrílica e bordado sobre algodão cru, 2019. Criação e pintura por criança, intervenção de bordado do Programa Educativo- Arte & Educação. Foto: Andrea Lalli

No segundo encontro com as crianças foi dada continuidade às histórias que foram contadas inicialmente, através de brincadeiras e exercícios para ativar a memória. Ali professora Elaine contou sua história de como se tornou professora. Por meio de uma linguagem acessível, Elaine mostrou alguns bordados produzidos por ela em juta, para ilustrar sua história. Consideramos de grande importância essa partilha, pois as crianças se inseriram um pouco mais no universo de sua professora, que ressaltou os elementos em comum com a turma - suas memórias lembravam sua infância em aproximação com os universos das crianças e os processos que fizeram com que hoje atue na área da educação. Outro aspecto que tornou essa partilha relevante foi demonstrar que pessoas em outras funções, além da artística, ou da ocupação de trabalho como costureira, também bordam. Aproximando arte do cotidiano, tal como é o valor da arte e da cultura dos povos de matriz indígena e africana.

Com isso, foi introduzida a segunda artista: Sônia Gomes (Caetanópolis/MG, 1948). Presentemente, a materialidade explorada pela artista se dá do interesse de trabalhar a memória, o afeto e as histórias presentes nas peças que utiliza – cuja origem vem de doações de pessoas diversas. Gomes trança narrativas fragmentadas, a partir das amarrações de lembranças e experiências que extrapolam as suas vivências individuais. Numa entrevista à SP arte, em 2019, Gomes diz:

Não comecei fazendo o que faço pensando em arte. Foi uma necessidade: comecei a desconstruir coisas, fazer acessórios para mim, e isso foi tomando uma dimensão cada vez maior, até ser chamado de “arte negra”, “arte contemporânea” ou, para diminuir, “artesanato”. Não estava preocupada com esses rótulos, isso é o que eu sabia fazer. (GOMES. Entrevista concedida à SP Arte, novembro de 2019).

Embora atualmente Gomes seja uma renomada artista contemporânea, representada por grandes galerias no circuito internacional, essa sua fala diz de uma ideia pré-concebida no imaginário brasileiro e no mundo em relação às manualidades, como se uma arte que envolvesse um fazer popular fosse depreciada ou menos valorizada em relação a uma arte “erudita”, por essa procedência.

No texto curatorial da exposição *Entremeadas*, em cartaz no Sesc Vila Mariana em 2019, Danilo dos Santos Miranda, diretor do Sesc São Paulo, cita essa dificuldade da integração de saberes não tradicionais muitas vezes estarem associados a uma noção artesanal e de menor prestígio econômico e valor social:

Pelas cabeças e mãos de mulheres e homens que no Brasil nasceram ou que aqui chegaram, o fazer popular rememora a agência das comunidades indígenas originárias da nossa terra, potencializa pelo agir de africanos e africanas que, ao longo da diáspora, foram forçosamente transplantados para outros continentes. Os registros históricos da presença e resistência desses povos permanecem no fazer intelectual e manual da cultura de nosso país. (MIRANDA, 2019, p.01).

Dessa forma, o intuito pedagógico de introduzir a arte de Gomes ao infantil I da EMEI Alceu Maynard de Araújo, diz de uma possibilidade de valorizar os saberes ancestrais que estão nas confecções dos tecidos e bordados, não só no Brasil mas em diversos países da América Latina, e principalmente na cultura local do território ao qual a escola pertence

Ao partilhar um pouco da história de Sônia, foi dito que ela nasceu em Minas Gerais. Curiosamente, uma aluna disse que lá tinha muita cachoeira. A partir disso, as narrativas sobre essa personagem foram relacionadas ao processo de ela receber roupas e tecidos que as pessoas gostavam muito mas que não cabiam mais nelas, ou que por algum motivo não podiam mais usar. Foi pedido para que cada criança trouxesse um tecido que fosse do afeto delas e que, ao mesmo tempo, pudessem ser utilizados nessa atividade. Os paninhos, até então guardados numa caixa, foram distribuídos e entregues a cada um qual era pertencente a quem. Assim, ao brincar

com os tecidos, foi pedido para cada um, em roda, dar um nó, amarrando o pano com o de quem estivesse ao seu lado. Foi criada, então, uma linha contínua dessas histórias, e foi possível relacionar essa ação com o que a artista fazia com as histórias das pessoas.



Figura 3. Educadora Raquel Tanaka em conversa sobre tecidos e Sônia Gomes. à EMEI Alceu Maynard de Araújo. São Paulo, 2019. Foto: Elaine Santana

Algumas crianças ficaram chateadas por terem de entregar seus paninhos à brincadeira. Mas, ao mostrarmos que nós enquanto participantes, também estávamos entregando tecidos que eram do nosso afeto - tão importantes quanto os delas, eles entenderam que havia algo de coletivo e que a “dor” não era só deles.

Após esse encontro, a professora Elaine partiu dessa experiência com a obra da Sonia Gomes como disparador para desenvolver a proposta “Bordando com fio da Memória”. O portfólio de atividades, com fotos da turma, foi um recurso para ativar essas memórias de vivências que ocorreram ao longo do ano na escola. A comanda para essa experiência foi bordar na juta a memória mais marcante que a criança vivenciou naquele ano.

A experiência do bordado foi multiplicada em todas as turmas do período, mesmo entre aquelas em que o projeto não tinha sido realizado em sua completude. Em uma dessas turmas enquanto bordava espontaneamente uma das crianças disse que

o motivo pelo qual a professora estava ensinando bordado era para que eles já soubessem bordar quando ficassem adultos, para trabalhar com isso. Esse comentário gerou incômodo na professora que trouxe aquela proposição, pois a motivação tratava-se de algo muito diferente disso. A ideia era ressignificar a costura através da arte, construindo novas narrativas sobre aquele fazer.

Como continuidade às atividades propostas nesses encontros, dessa vez, a turma foi até o Centro Cultural do Banco do Brasil, com o ônibus fornecido pelo Programa CCBB Educativo - Arte & Educação. As crianças foram conhecer a exposição *Linhas da Vida*, da artista japonesa Chiharu Shiota, em cartaz no centro cultural de novembro de 2019 a janeiro de 2020. A mostra tinha muita relação com o que vinha sendo desenvolvido em sala de aula, visto que a Chiharu traz em sua temática as conexões entre as pessoas, deslocamentos, migrações e o próprio bordado e as linhas de tecido como linguagem artística. Com o acolhimento em roda a fim de olhar o espaço, as educadoras propuseram que todos deitassem no chão para olhar acima a instalação *Linhas da Vida*, de Chiharu.

A visita ateliê, uma atividade prático-reflexiva, se deu a partir de um mapa mundi-político não eurocêntrico que foi confeccionado pelas educadoras Andrea Lalli, Flávia Santos e Raquel Tanaka, com a projeção sobre o tecido de algodão cru do mapa que escolhido, as linhas dos contornos dos países e continentes foram definidas. Junto às crianças, foi realizado um exercício de lembrar a atividade que Elaine havia feito com elas em sala de aula, em que cada criança trouxe a sua certidão de nascimento e a de seus pais. Com isso, as linhas de migrações das crianças foram traçadas, uma a uma, desde o país ou estado brasileiro de origem delas ou de sua família, até o lugar onde nos encontrávamos hoje (São Paulo). Cada criança escolheu a cor que queria colocar ali, e, com paciência, evidenciamos esses trajetos no mapa. Esses caminhos foram bordados posteriormente pelas educadoras.

Ao visitar a exposição, a instalação *Linhas da Vida*, que percorria três andares do prédio com linhas e folhas sulfites, chamou muito a atenção do grupo. A instalação *The Key in the Hand* também foi disparadora para conversas e impressões, em que a artista trabalha com chaves doadas pelas pessoas, dois barcos e linhas vermelhas diversas ocupando o espaço. A utilidade das chaves e do barco foram norteadoras das conversas, assim como pensar as relações entre esses objetos. Fazer um barco com as mãos e percorrer o espaço expositivo foi um recurso da mediação.

Na obra *Becoming a Painting*, ao ver fotos da artista coberta de tinta foi conversado sobre sonhos e pinturas. A obra *A Pele*, feita com bordado sobre tela, foi muito

potente de discussão, pois despertou muita curiosidade. A obra era composta por três telas costuradas uma na outra. Foi possível criar uma conexão com o que vinha sendo conhecido sobre o bordado.



Figura 4. Mediação da exposição *Linhas da Vida*, da artista Chiharu Shiota, no Centro Cultural do Banco do Brasil de São Paulo. São Paulo, 2019. Foto: Elaine Santana

A curiosidade do “limite” entre o que seria pintura, desenho e bordado foi também algo que saltou nossas questões. Ao relacionar o bordado como uma pintura híbrida, algo que poderia ser pintura, mesmo sem tinta ou pincel, foi possível estabelecer uma relação com a primeira atividade que foi aplicada na escola pelo programa educativo, em que as crianças pintaram seus animais.

No último sábado de novembro de 2019, ocorreu a Mostra Cultural. Nesse evento todas as produções das crianças ao longo do ano ficaram expostas. O corpo docente promoveu oficinas com experiências vivenciadas ao longo do ano pelas crianças na qual todo o público podia participar. A festa foi preenchida por música, comidas, os trabalhos dos alunos pendurados em árvores e apresentação de uma dança boliviana por parte de dançarinos profissionais, convidados para se apresentarem. As crianças puderam cantar como uma apresentação da canção *Duerme Negrito* de Mercedes Sosa, e o bordado do fio da memória - construção de bordados diversos em juta dos estudantes - foi finalizado nesse dia, junto às famílias dos estudantes.

Conforme o relato de Elaine, o bordado em conjunto foi muito potente para que ela pudesse conhecer um pouco mais a família das crianças com quem trabalha. Algumas histórias foram compartilhadas nessa confecção, assim como na aproximação com as atividades realizadas ao longo do ano letivo.

Sobre Ocupação e pertencimento

Tendo em vista que parte do projeto da escola inclui a intenção de ocupar espaços públicos do entorno, é de costume práticas pedagógicas que incluem idas a pé em muitos espaços da região. Entre esses espaços, a praça que existe em frente à escola. É uma praça^{xi} com lindas seringueiras e árvores frutíferas. Um espaço muito potente para exploração, porém é usado pela comunidade como local de descarte.

Por fim, a praça foi ocupada com os tecidos dos bordados - foram instalados com corda nas árvores. Com a surpresa de terem visto as intervenções sobre as pinturas, as crianças tiveram autonomia para escolher o local onde elas queriam colocar suas obras. O trabalho em juta foi instalado, assim como os tecidos dos afetos também foram alocados e amarrados um no outro nas raízes das árvores.



Figura 5. Intervenção praça sem nome. Aproximação EMEI Alceu Maynard de Araújo e Programa CCBB Educativo - Arte & Educação. São Paulo, 2019. Foto: Andrea Lalli

Fruto da construção que se deu nesses poucos encontros, a prática se deu de forma simbólica: Fixar as memórias, carregadas pelos tecidos que trouxeram, assim como

com os animais que representaram, nesse território em comum, foi uma forma de ocupação desses espaços. Se, para alguns familiares das crianças, os tecidos estão associados ao contexto de trabalho, aqui essa materialidade pode se dar como expressão e brincadeira, possibilitando, enfim, uma ressignificação dos materiais têxteis enquanto experiência criativa.



Figura 6. Intervenção praça sem nome. Pintura em tinta acrílica e bordado, instalado em árvore. Aproximação EMEI Alceu Maynard de Araújo e Programa CCBB Educativo - Arte & Educação. São Paulo, Novembro de 2019. Foto: Andrea Lalli

Considerações Finais

O contexto da EMEI Alceu Maynard de Araújo objetiva pluralidades de culturas e identidades presentes no Brasil contemporâneo (como uma necessidade e ou objetivo a ser alcançado). Apesar de a maioria das crianças serem brasileiras - terem nascido no Brasil - Elaine aponta a dificuldade de pertencimento ao território brasileiro, visto que o contexto das famílias reflete as características da sociedade brasileira em não reconhecer a história e cultura de povos de matriz indígena e africana, embora tenhamos um predominante panorama de relações de hibridismo cultural e a pluralidade das circunstâncias das famílias destes escolares.

Segundo Canclini, no contexto da democratização da cultura, consequência da modernização na América Latina aponta o cenário artístico com "frágil conhecimento de sua própria história até por uma deliberada opção pelo predomínio da cultura escrita pela visual, o que deixa excluída a maioria da população analfabeta de acesso à essa cultura" (CANCLINI, 1998, p.11).

A construção desses encontros com a EMEI Alceu Maynard de Araújo foi de grande aprendizado no âmbito das possibilidades de pensar e praticar a mediação cultural, tanto pela vivência com o público infantil de quatro a cinco anos, quanto pela continuidade das ações, o que ramificou diferentes processos para articular temas em comum.

As produções imagéticas realizadas pelas crianças em sala de aula e a experiência de ocupar o espaço expositivo foi de enorme contribuição na formação das mediadoras ao pensarem e reverem os tempos, linguagens, e formas de acessar os universos das infâncias levando em consideração os olhares e observações diversas da turma que tiveram mais contato. Os deslocamentos até a EMEI foram, assim, fundamentais para que as educadoras também pudessem revisitar suas infâncias, lembrar as brincadeiras que compunham seu dia a dia e, por fim, ter uma nova perspectiva acerca do contato com crianças pequenas. Ter, pois, conhecimento do espaço e das diversas estratégias de educação numa escola é uma maneira de ampliação de repertório e de referências para repensar práticas educativas em instituições culturais.

Ao contrário de encontros pontuais que muitas vezes caracterizam o público espontâneo e visitas agendadas a centros culturais e museus, a dimensão desses relatos aqui trazidos podem evidenciar os detalhes que reverberam encontros e acasos em visitas mediadas e como, ao estarmos porosos a uma troca e diálogo, é possível visualizar projetos, experiências e vivências entre formas distintas de se trabalhar a educação.

Por conseguinte, o intuito de trazer esses levantamentos diz da necessidade de documentação e registro enquanto processo da mediação cultural e, não obstante, da potência de pensar atividades prático-reflexivas de acordo com os contextos dos participantes e interesses de pesquisas dos educadores em suas formações e repertórios plurais.

A importância de exposições com essa temática, artistas e curadoria no cenário da cultura vigente como a escola de ensino primário e uma instituição Cultural gerida pelo governo brasileiro abre caminhos para os agentes da educação formal e não formal construir um repertório coletivo junto das comunidades que formam os públicos destas instituições executando o conceito de mediação cultural, tão necessário à construção de bases na cultura e educação para termos um estado plurinacional brasileiro. Nesse sentido, pensar continuidade e formas que a mediação cultural têm de se aproximar do contexto da educação infantil no Brasil é de grande

relevância quando pensamos os processos que possibilitam pensar atividades prático-reflexivas em centros culturais.

Notas

ⁱ O Programa CBBB Educativo - Arte & Educação (<http://www.cbbbeducativo.com/>) é um projeto realizado desde 2018 pelo JA.CA Centro de Arte e Tecnologia (<https://www.jaca.center/>), nos Centros Culturais Banco do Brasil localizados nas cidades de Belo Horizonte (MG), Brasília (DF) São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ). Trata-se de um projeto patrocinado pelo Banco do Brasil via Lei de Incentivo à Cultura, selecionado por uma comissão técnica via processo de inscrição em edital público, realizado pelo Centro Cultural Banco do Brasil.

ⁱⁱ Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o Projeto Político Pedagógico (PPP) é um instrumento que reflete a proposta educacional da instituição de ensino. É um documento que deve ser produzido pela comunidade escolar de forma democrática.

ⁱⁱⁱ Exposição VAIVÉM: https://issuu.com/eduraele/docs/191128_vaivem_catalogo_dig

^{iv} Martins traz uma reflexão interessante para pensarmos a importância de uma escuta atenta na mediação cultural: “O fator Rh vincula-se aos recursos dos humanos que interagem com o portador do vírus. O educador tem um papel primordial como facilitador e instigador para a proliferação do vírus. Entretanto, um educador ineficiente pode atrapalhar o desenvolvimento e até barrar, temporariamente, a sua evolução. Em circunstâncias externas não favoráveis, a proliferação do vírus depende do Rh interno, capaz de criar anticorpos eficientes contra a ação indesejada. O fator Rc vincula-se aos recursos da cultura onde o indivíduo e seu vírus habita. Nele estão inseridos os sub-fatores: tempo e lugar. [...] A medicação aconselhada para revitalização destes fatores é a contaminação de reforço. Viagens, visitas a museus, galerias, audição de concertos ou de discos (sic), presença em apresentações de teatro, de dança, contatos com livros, revistas, são alguns possíveis reforços. A presença de um instigador como mediador que desafia para a leitura e produção artística/estética é vital para que a medicação seja eficiente” (MARTINS, 1992, p.2).

^v Esta sessão curatorial ressaltou manifestações e expressões de diversos artistas contemporâneos como Jaider Esbell, Dalton Paula, Claudia Andujar e Arthur Bispo do Rosário. No contexto e memória do fazer do bordado tem-se a presença de populações que resistem até hoje às consequências da colonização.

^{vi} Esses elementos vinham sendo despertados desde o momento em que a turma que participou do projeto *Tramas e Territórios* foi à Pinacoteca durante a exposição *Sopro* de Ernesto Neto. Essa mostra trazia o material tecido e a linguagem escultural como elementos que suscitam o conceito da espiritualidade e as celebrações coletivas que envolvem a existência humana individual e coletiva a partir do contato do artista com a etnia indígena Huni-Kuin. A obra de Neto traz ao público uma representação da cosmovisão e cosmogonia dos Huni-kuin reintegrando este mesmo público às suas raízes, uma memória coletiva, construindo a formação de identidade Latina não somente a partir de referências culturais européias, mas resgatando aspectos de povos originários que tiveram características de seu idioma simbólico apagados durante o processo de colonização.

^{vii} “A rememoração individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos. Ela está impregnada das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências, que percebemos qual uma amálgama, uma unidade que parece ser só nossa. As lembranças se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo, a que o autor denomina 'comunidade afetiva'. E dificilmente nos lembramos fora deste quadro de referências. Tanto nos processos de produção da memória como na rememoração, o *outro* tem um papel fundamental.” (KESSEL, 2015, p.03)

^{viii} Pachamama, PachaMama: (n) (1) Mãe Terra, Gaia; tanto o planeta físico e o arquétipo deusa. Energia feminina universal no tempo e no espaço; mãe cósmica. Esposa de Pachacamac. Deusa da terra e superintendente de plantio e colheita, responsável pelo bem-estar dos animais e plantas. Oferendas a ela de coca, chicha e as orações são feitas em todas as ocasiões agrícolas. Ações e oferendas para Pachamama: aguardentes, colocando ofertas no topo de montanhas, em fendas e cavernas, e enterrando perto de edifícios ou campos. Um tipo de oferta usado em todo o reino Inca envolvendo cobre, prata, ou estatuetas de ouro vestidas com roupas em miniatura elaborados, muitas vezes decoradas com penas. Ela predomina na agricultura, está associada com a terra, agricultura e a mulher. (DICIONARIO DESPERTAR SABERES, 2014)

^{ix} A educação para as relações étnico-raciais da SME é parte integrante das Políticas Públicas de Currículo e de Formação Continuada, por meio do seu Núcleo de Educação Étnico-Racial. Esse núcleo é constituído de três áreas de trabalho: a) História e Cultura Afro-Brasileira e Africana; b) História e Cultura Indígena e Educação Escolar Indígena; etc) Educação para Imigrantes e Educação Escolar para Populações em Situação de Itinerância. Essas três áreas objetivam o desenvolvimento e a aplicação contínua e permanente das Leis Federais nº 10.639/03 e nº 11.645/08 e da Lei Municipal nº 16.478/16. Além das legislações educacionais citadas, um importante documento oficial é o Estatuto da Igualdade Racial (BRASIL, 2010d, p. 45).

^x A obra de Centurión se caracteriza pelo uso dos tecidos e do bordado, campos de criação femininos por tradição e que são centrais na cultura paraguaia desde a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), ou Guerra do Paraguai, quando o país perdeu noventa por cento da população masculina. Os primeiros trabalhos de Centurión costumavam apresentar retratos extravagantes de animais, pintados em cobertores baratos. (FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO, 2018, p. 01).

^{xi} Ao compartilhar sobre o contexto desse espaço, Elaine trouxe as seguintes considerações: “Coincidentemente esse espaço não tem nome. É realmente um espaço abandonado pelo poder público e comunidade. Por conta disso, decidimos ressignificar aquele espaço. Alguns moradores da comunidade do entorno organizaram-se para fazer um mutirão de limpeza no local. E por esse motivo algumas professoras da escola foram até lá com as crianças para contar o que iria acontecer. As crianças fotografaram a praça para comparar o antes e depois da limpeza. Após essa visita na Roda de Conversa problematizei a situação com as crianças e para levar essa problematização para ação usei como disparador a pergunta, “O que podemos fazer para deixar a praça mais bonita?” Foi daí que surgiu a ideia da ocupação artística do espaço.” (SANTANA, Entrevista concedida ao Programa CCBB Educativo – Arte & Educação, 2020).

Referências

As Mãos de Ouro de Sonia Gomes: Costura e Memória. **Arteversa**. 21 de Junho de 2018 << Disponível em: <https://www.ufrgs.br/artevera/?p=1471>>>. Acesso em 18 de Maio de 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: ed. Genesis. 1998.

Currículo da Cidade - Educação Infantil. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2019/10/cc-educacao-infantil.pdf>

FELICIANO Centurión. **Bienal de São Paulo**. 2019. Disponível em: < <http://www.bienal.org.br/texto/5229> >. Acesso em 09 de junho de 2020.

GENES, Enmanuel Lopez. Textos. Feliciano Centurión. **Obras**. Feliciano Centurión. Assunção, 2016. Disponível em: <http://www.felicianocenturion.com/?page_id=74&lang=pb > Acesso em 09 de junho de 2020.

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

LEONEL, Débora SOARES. **Xamanismo** e Cosmovisão Andina: Um estudo sobre práticas de curanderismo Mochica expressas na cerâmica ritual. São Paulo. 2015.

MANGILI, Liziane Peres. **Transformações** e Permanências no Bairro do Bom Retiro SP. 1930 - 1954. São Carlos, 2009. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-17072009-092245/publico/liziane_peres_mangili.pdf> Acesso em 25 de Maio de 2020.]

MIRANDA, Danilo dos Santos. Texto para catálogo da exposição **ENTREMEADAS**. Sesc Vila Mariana. 2019

PICOLLO, Gustavo Martins. O universo lúdico proposto por Caillois. **Revista Digital Buenos Aires**, ano 13, n. 127, dezembro de 2008. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd127/o-universo-ludico-proposto-por-caillois.htm>. Acesso em: 23 mai. 2019.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2005

RIVERA, Silvia Cusicanqui. Um Mundo Chi'xi és posible. **Ensayos desde un presente en crisis**. Tinta Limón. 2018

SANTANA, Elaine. **Entrevista** concedida ao Programa CCBB Educativo – Arte & Educação. São Paulo, 20 de maio de 2020

Sem autor: PACHAMAMA. **Site Despertar Saberes**. Disponível em <<https://sagradofeminino.saberes.org.br/pachamama/>>. Acesso em: 06.05.2020.

SONIA Gomes para ArtEEdições Galeria. **ArtEEdições Galeria**. Março, 2017. Disponível em: <<https://vimeo.com/216899244>> Acesso em 18 de Maio de 2020.

TEIXEIRA, Marina Dias. Sônia Gomes reflete sobre desafios e conquistas enquanto artista negra e mulher. **SP-ARTE**, 18 de Maio de 2020. Disponível em: <<https://www.sp-arte.com/noticias/sonia-gomes-reflete-sobre-desafios-e-conquistas-enquanto-artista-negra-e-mulher/>>.

TOJI, Simone. Breve História do Comércio no Bom Retiro: Imigração e Culturas em Movimento. II Colóquio [nter]Nacional. **Sobre Comércio e Cidade: Uma relação de Origem**. Disponível em: <http://www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/2_cincci/1006%20Toji.pdf>. Acesso em 25 de Maio de 2020.

Andrea Lalli

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

Arte educadora, graduada em ciências sociais pela Universidade de São Paulo e pós graduanda em Artes Visuais, Intermeios e Educação pela Unicamp. Desenvolve práticas artísticas com temas relacionados às identidades brasileiras, relações étnico-raciais e territórios dos afetos em linguagens diversas, tais como a xilogravura, a pintura e o bordado. Busca relacionar seu trabalho como educadora ao seu trabalho artístico. Contato: andrea_llf@hotmail.com

Elaine da Silva Santana

Pesquisa sobre Práticas Decoloniais no Ensino de Artes na ECA/USP. Professora da Rede Municipal de São Paulo; Licenciada em Pedagogia e Artes Visuais. Atua na educação infantil desde 2019 priorizando as linguagens artísticas nas proposições de experiências de aprendizagem com viés decolonial. Contato: santanaelainess4@gmail.com

Carolina Suarez Copa Velasquez Y Castro

Mestrado em Processos e procedimentos artísticos na Unesp. Artista proponente de performances coletivas a diversos públicos sob o título Performances Fabulosas; criadora dos Fabulosas, conjunto de máscaras e vestimentas baseadas em seres antropomórficos das matrizes indígena e africana. Sua pesquisa envolve o estudo da performance, memória ancestral, rituais e estudo do idioma simbólico de algumas cosmovisões como a Andina. Contato: carolixerocos@gmail.com